1

Stella



Normalmente, evito a Quinta Avenida. Mas hoje não. Nunca vou conseguir explicar porque é que me desviei do meu percurso e virei para esta rua movimentada de lojas de luxo.

Se eu fosse uma rapariga que acreditasse em magia, diria que houve um toque de magia de Natal no ar que me impulsionou para leste, levando-me pelo paraíso das compras numa rajada de vento invernal. Ou diria que os duendes do Pai Natal me seguiam de perto, trazendo-me até este ponto exato onde agora estou, hipnotizada pela montra gigante da Vivant. Mas a magia é para ingénuos e crianças, logo não pode ser isso. Talvez estivesse apenas pronta para voltar a olhar.

Um peão tenta ultrapassar o caminhante lento à sua frente e não consegue a tempo antes de chegar onde estou, um obstáculo vestido de preto e totalmente desprovido de qualquer coisa que se pareça com espírito natalício, acabando por esbarrar em mim a toda a velocidade com o ombro.

Mordo a língua para conter a palavra *CABRÃO* que quer sair da minha boca como um dardo a caminho do alvo. O que é que a Dra. Skinner me diria? *Não troque emoções com estranhos. Nunca vai receber um reembolso.* A Skinner podia cheirar a *muesli* bolorenta, mas de vez em quando dava bons conselhos. Foi seguindo esse conselho que — na maior reviravolta do século — fui libertada antecipadamente da Prisão de Bedford Hills por bom comportamento.

Se estivesse agora numa das minhas muitas sessões de aconselhamento obrigatórias, a minha antiga psiquiatra *beatnik*[1] dir-me-ia para me afastar desta situação que tem potencial para me irritar.

Arreliada por descobrir que a terapia realmente funcionou, saio do fluxo de transeuntes, colocando-me a poucos centímetros da montra. Ao olhar para ela, o meu nariz franze por si só, e não porque os aromas combinados de nozes torradas quentes e água de cozer salsichas para cachorros-quentes sejam tão intensos neste quarteirão. Mas porque, por mais que tente, não consigo perceber o que é que o decorador da montra estava a tentar fazer aqui.

Do outro lado do vidro, foi recriada uma linha de montagem. Os pinguins estão vestidos com macacões vermelhos com detalhes em pele branca e estão a montar brinquedos enquanto descem pela passadeira de borracha. Claro que os pinguins são mecânicos, por isso só fazem uma pirueta desajeitada e depois voltam à posição original, com as suas expressões congeladas numa espécie de alegria maníaca. É uma cena tirada diretamente de um pesadelo de criança. A única forma de isto ser pior seria se os pinguins fossem mutilados pelas máquinas. Um pequeno letreiro desdobrar-se-ia por cima da cena do crime a dizer: *Já passaram zero dias desde o nosso último acidente.*

A minha boca contrai-se, refletindo a imagem de volta para mim no vidro à prova de manchas.

— Uh-oh — diz uma voz com um timbre ressonante à minha esquerda. — Vês, eu ia ficar na minha e seguir em frente, mas tu tinhas de sorrir. Agora tenho de saber o que estás a pensar.

— Não foi um sorriso — solto automaticamente, indignada por alguém achar que me apanhou… *a mim?* a fazer outra coisa que não fosse julgar os outros com hostilidade. Nem pensar. Mas as minhas palavras vão esmorecendo quando ponho os olhos no acusador.

Mas que raio se passa aqui?

Poucas coisas me deixam sem palavras, mas este homem gigantesco com um laço de padrão de doces no colarinho e um sorriso radiante

[1] Nome dado nos anos 1950 e início dos anos 1960 aos jovens e intelectuais da «Geração Beat», associados à poesia, ao *jazz* e à vida boémia. Este movimento artístico e literário, com origem nos EUA, ficou popularizado na cultura da época pela imagem típica de boina, camisolas de gola alta (geralmente pretas), riscas horizontais e óculos escuros. [*N. da R.*]

faz-me questionar se estou a alucinar. Ninguém dá empurrões com o ombro neste tipo. Ninguém conseguiria chegar tão alto. Sem mencionar que ele alterou completamente o fluxo de transeuntes — e quando percebe que está a tornar-se um obstáculo, este estranho muito alto e espadaúdo *salta* da interseção no passeio com alguns *desculpem, senhoras* e *desculpem, cavalheiros*.

Na mão, segura um copo de café, de papel azul e branco, com os dedos longos e grossos a envolverem-no por completo. O cabelo castanho-escuro, com um leve ondulado, balança ao vento. Diria que tem trinta e dois anos, mais ano menos ano. Está impregnado de um tipo de sucesso adquirido com a prática, e isso leva tempo a conquistar. O fato está impecável. Azul-marinho, com um lenço de bolso branco e bem engomado. Nem um único vinco. Mas o que mais chama a atenção nele são aquelas rugas de expressão. Emolduram-lhe a boca e espalham-se a partir dos cantos dos olhos. São profundas e vincadas, como um par de calças de ganga que já foi lavado setecentas vezes.

Este homem sorri constantemente.

Odeio-o.

— Se aquilo não era um sorriso, o que era? — De alguma forma, ele dá um gole no café sem diminuir a intensidade do sorriso. — Um tique ou algo do género? O meu tio Hank tinha desses. Costumava entornar cerveja por todo o tapete da tia Edna, por causa desse tique. Um dia, ela ficou tão zangada com aquilo que lhe deu uma pancada na cabeça com um coador e o raio do tique desapareceu. — Ele faz um gesto com o copo. — Como desligar um interruptor. Depois disso, ele só entornava cerveja por tradição. — Faz uma pausa. — A tia Edna acabou por casar de novo.

OK. Estou a alucinar?

Dou uma olhadela à minha volta à procura de pinguins mutilados ou de algum outro sinal de que enlouqueci. Está tudo bem. Tão normal quanto Nova Iorque pode ser, ou seja, há três pessoas a disputar um táxi, as notas de um saxofone emanam misteriosamente do ar e uma peruca rosa-choque jaz esquecida na sarjeta. Nada que se possa considerar invulgar, no entanto. Se não estou a alucinar, porque é que este homem parou para me contar uma história sobre os seus familiares?

Não sou propriamente o que se diria de *acessível.* Na verdade, sou fluente em «põe-te a andar». Espero que ele também saiba falar essa língua. Ou, pelo menos, que saiba ler a linguagem corporal.

Olhando-o bem nos olhos, enfio os meus AirPods de imitação nos ouvidos e volto a olhar para a cena do crime do suposto pinguim.

Pronto. Feito.

Mas, na verdade, não estou a ver os pinguins. Não consigo deixar de me maravilhar com o reflexo, meu e do homem, lado a lado. Ele deve ter mais de um metro e noventa, é robusto e veste um fato de dez mil dólares. Sou trinta centímetros mais baixa, vestida com um casaco acolchoado preto e *collants* grossos a condizer, botas em segunda — ou terceira — mão, cuja sola se está a soltar rapidamente do resto do calçado. A minha bolsa fúcsia estragada é o único toque de cor em todo o meu visual e isso é porque foi a mais barata que consegui encontrar na Goodwill. O meu cabelo preto e espesso foi cortado de forma amadora logo abaixo dos ombros e encobre um rosto pálido, com uma expressão que diz «Não Incomodar».

Somos o oposto dos opostos. Graças a *Deus.*

Porque é que ele ainda está ali parado, a sorrir para o café como se não tivesse uma única preocupação no mundo? A minha rudeza passou-lhe despercebida. Será que o meu talento para evitar situações se esvaiu enquanto estive na prisão? Perder o meu superpoder seria apenas a cereja no topo do bolo de merda dos últimos anos.

Passa-se mais um minuto inteiro e ele continua ali, a alguns centímetros de distância, de frente para a montra, tal como eu. A inclinar a cabeça para a direita, a observar os pinguins. Podia simplesmente ir-me embora. Continuar o meu caminho para o centro da cidade até chegar ao apartamento com renda acessível, em Chelsea, que estou a subalugar ao meu tio, enquanto ele está a viver em Queens com a atual namorada. Não há nada que me mantenha em frente a esta monstruosidade artística. Mas os meus pés parecem não se mexer. E porque é que se mexeriam? Eu cheguei aqui primeiro.

Tiro o auricular esquerdo.

— Posso ajudar-te em alguma coisa?

— Oh, a mim? — Aparece-lhe uma covinha na bochecha. — Estava só à espera que a tua música acabasse.

Não está a tocar nenhuma música, mas é óbvio que não lhe vou dizer isso.

— Porquê? — pergunto, tirando bruscamente o segundo auricular e enfiando os dois de volta no bolso do casaco. — Tens outra história sem sentido para me contar?

— Ah, bolas. — Os olhos dele são verdes. E brilham de uma forma que me faz lembrar luzinhas de Natal. — Tenho *milhares* de histórias sem sentido para te contar.

O meu sorriso é enjoado.

— Uma já foi mais do que suficiente.

— Está bem — diz ele, arrastando as palavras, enquanto bebe o resto do café de um só trago. — Mas depois da época da cerveja derramada, a tia Edna fugiu com um palhaço de rodeio chamado Tonto. Acho que nunca vais saber sobre isso.

— Devastador.

— Foi mesmo. Digamos apenas que foi o touro que *o* apanhou pelos cornos, em vez do contrário. — Ele estremece de corpo inteiro. — Tudo o que ele deixou à Edna foi um *kit* de pintura facial meio usado e uns sapatos largos. Ela fez as pazes com o tio Hank cerca de um ano depois. Agora, aos domingos de manhã, visitam vendas de garagem.

Tenho quase a certeza de que o meu queixo está a cair até aos joelhos.

— Isto é, tipo, uma tara estranha? Em vez de te exibires às pessoas, andas por aí a abordar as pessoas com histórias bizarras?

— Bem, faz demasiado frio para te exibires em dezembro. As minhas opções são limitadas.

Ele sorri para mim. Sem qualquer moderação. É todo rugas de sorriso e olhos calorosos.

Lamentavelmente bonito. Talvez até elegante.

E acontece a coisa mais perturbadora. Algo que eu nunca teria conseguido prever nem num milhão de anos. As borboletas no meu estômago devem ser um sinal do apocalipse. O fim dos tempos está próximo. O meu estômago nunca borbulhou assim por nada além de macarrão com queijo da Kraft. Não posso estar a ter uma reação a este homem. Uma reação de *atração*.

— Vou-me embora agora — digo, com um tom de voz um pouco estranho.

Pela primeira vez desde que ele apareceu, aquele sorriso desaparece. Um lampejo de pânico passa pelos seus olhos verdes por um instante, antes de baixar a cabeça. Olha para o chão por um segundo, como se tentasse recompor-se, depois levanta a cabeça para me fixar com um sorriso renovado.

— Eu realmente tinha um motivo para parar, se não te importares de me fazer a vontade só mais um bocadinho. — Ele aponta o queixo na direção da montra. — Estou curioso para saber o que achas disto.

— Estás a referir-te ao Pinguim Chernobyl?

A sua gargalhada ressoa pelo quarteirão, fazendo com que os compradores e curiosos parem no seu caminho. O som faz-me lembrar chocolate quente em frente à lareira na mansão do Bruce Wayne. É rico, reconfortante e denso, com qualidade.

— Sim, acho que é a isso que me estou a referir.

Levanto uma sobrancelha.

— Queres saber o que penso sobre isso?

O meu ceticismo fá-lo hesitar, com um canto da boca a virar para baixo.

— Sim. Quero.

— Trabalhas na Vivant?

Ele encolhe um daqueles ombros largos.

— De certa forma.

Estreito o olhar e dou-lhe outra olhadela de cima a baixo. Trabalha, definitivamente, na administração. Talvez num cargo de topo. A sua disposição irritantemente jovial faz-me pensar que trabalha em relações públicas. Talvez toda esta conversa seja a sua maneira de testar uma nova iniciativa de *conhecer os consumidores*. Há uma parte de mim que quer mesmo perguntar, mas recuso-me a parecer interessada só por causa daquele nó estomacal cataclísmico que senti há pouco.

— Tudo bem, como queiras — murmuro, enrolando as mãos enluvadas na alça cruzada da minha bolsa, batendo os pés para me aquecer enquanto me viro de novo para a montra. — Acho que é mais provável que isto afaste os clientes da loja do que os atraia. Ninguém quer

pensar que os seus presentes de Natal estão a ser preparados numa linha de montagem. É demasiado impessoal. É uma lembrança de que estamos todos presos num padrão de consumismo e que nunca vamos escapar dele. O padrão vai continuar a girar e girar como aquela passadeira transportadora. As pessoas querem escolher algo para os seus entes queridos que acreditem ser único. Único no seu género. Não algo produzido numa fábrica.

Oh, agora estou embalada. Alguns transeuntes até param para ouvir o meu discurso e, normalmente, isso desestabilizar-me-ia, far-me-ia calar, mas fazer montras era o meu emprego de sonho há uma vida atrás. Antes de ela ficar em suspenso, fiz três anos de formações *online* que se centravam principalmente em *merchandising* e *marketing* de moda. Esperava um dia poder criar montras. É uma das únicas coisas pelas quais sempre fui apaixonada. É por isso que, regra geral, acho demasiado doloroso andar pela Quinta Avenida, lembrando-me de quanto estraguei tudo.

Os transeuntes continuam parados à nossa volta, à espera de ouvir o que vou dizer. E, bem, nunca mais vou ver nenhuma destas pessoas, sobretudo o Tipo do Laço, por isso, porque não dar a minha opinião? Há imenso tempo que ninguém, além da Dra. Skinner, me pede a opinião, e ela está apenas a fazer o seu trabalho.

— Isso leva-me aos pinguins. — Cometo o erro de olhar para o Tipo do Laço e quase perco o fio à meada. Nem por sombras ele pode estar tão interessado na minha opinião como parece. Ou será que pode? O tipo nem parece estar a respirar. — E… sabes. A esperança média de vida de um pinguim é de uns treze anos, por isso, tecnicamente, isto é trabalho infantil. Não fica bem.

Ele olha para a montra como se estivesse a vê-la pela primeira vez.

— Tens razão. É horrível. — Abana a cabeça. — Um desses pinguins está a segundos de perder uma barbatana.

Sobressalto-me um pouco com a forma como ele interpreta os meus pensamentos, mas disfarço bem, aclarando a garganta. E colocando o cabelo atrás da orelha, vezes sem conta. Desnecessariamente.

— És artista? — pergunta ele. — Já fizeste montras antes?

Quem me dera. Meu Deus, quem me dera. Nunca cheguei a esse ponto.

— Não, sou só crítica.

Ele solta uma risadinha, com os olhos de alguma forma perspicazes, pensativos e acolhedores ao mesmo tempo. Nesse momento, tenho a certeza absoluta de que há algo de único neste homem. Uma singularidade. Camadas. E quem me dera ter simplesmente ido embora quando tive oportunidade. Ele conduziu-me a um lugar onde tenho voz e não me sinto invisível. Não estava à espera disso. Será que fez isso de propósito? Se sim, porque é que se daria ao trabalho de o fazer? O que é que ele percebeu em mim que o fez parar? O que se está a passar, afinal?

— Como é que tu decorarias a montra, então?

Raios.

Raios.

Estou a deixar que ele me tire da minha solidão anónima e é tão indelicado e presunçoso da parte dele fazer isso, mas já estou meio afundada na areia movediça. Além disso, tenho de responder. É demasiado tentador para não o fazer. Dizer as palavras em voz alta é o mais perto que alguma vez chegarei da realidade. Uma rapariga com cadastro nunca vai decorar uma montra da Vivant.

Aparece uma ruga entre as sobrancelhas dele, como se estivesse a ler os meus pensamentos.

Que falta de educação.

— Eu não lhes lembraria que vieram à loja para gastar o dinheiro. Lembrá-los-ia de que comprar presentes tem que ver com… surpresa. A surpresa não tem preço. — Solto um suspiro, com a condensação branca a espalhar-se no ar à minha frente. — Aquele momento em que alguém de quem gostas abre uma caixa e fica boquiaberto. É isso que se deseja. Há uma secção inteira do TikTok dedicada a isso.

Nos últimos meses, desde que saí de Bedford Hills, tenho encontrado conforto em ver pessoas na Internet a ouvir músicas famosas pela primeira vez. Ou a ver *Star Wars, Twilight* e *Harry Potter* pela primeira vez. Vejo esses vídeos e pergunto-me se alguma vez voltarei a ser capaz de expressar emoções assim. Simplesmente. Sem hesitar. Sem atenuar os sentimentos nem me preocupar com o facto de, se ficar demasiado emocionada, a minha barragem se rompa e tudo simplesmente desabe.

— Saímos à procura de um objeto mágico, sem fazermos ideia do que seja. Se o virmos, vamos saber, mas raramente o encontramos. Por isso, há que mostrar-lhes. Mostrar aos compradores o objeto que vai surpreender o seu amado, irmão ou mãe e fazê-los sentir-se não só amados, mas também emocionados enquanto seres humanos. As chaves de uma mota, o batom *nude* perfeito, um *shaker* de martíni de *designer*. Se esta fosse a minha montra, eu… exibiria o vestido que uma mulher nunca compraria para si própria, mas que secretamente desejaria ter. E faria desse vestido um novo estilo de vida. Um recomeço. O resultado desejado do outro lado da montra.

Ele acena com a cabeça por um momento, mordiscando o interior da bochecha.

Depois, vira-se ligeiramente para olhar ao longo da fachada do edifício, que ocupa um quarteirão inteiro.

— E o que farias com as outras três montras?

Olho para ele, sem saber bem se me está a pedir a opinião por ser uma especialista de sofá ou se está genuinamente curioso. De alguma forma… sinto que é a segunda opção. O sarcasmo não faz parte da personalidade dele. Alto lá! Como é que ele conseguiu deixar-me com esta impressão em apenas cinco? Dez minutos? Há quanto tempo é que estou aqui parada a falar com este homem?

— Tenho de ir…

— Devias candidatar-te — diz ele ao mesmo tempo, rindo-se do facto de falarmos em simultâneo. — Sei de fonte segura que a Vivant está à procura de um novo decorador de montras.

— Oh. — Engasgo-me com a palavra, incapaz de esconder o desejo no meu rosto ao olhar de volta para a montra, imaginando-me do outro lado com um orçamento à altura da Vivant. Quatro montras para decorar. Todo o tipo de materiais, tecidos e enfeites ao meu dispor. E isso nunca, mas *nunca* vai acontecer. O meu currículo tem uma enorme lacuna profissional entre os vinte um e os vinte e cinco anos, quando cumpri pena em Westchester. Por um crime que *não* nego ter cometido. Nem sequer consigo ser contratada num restaurante, quanto mais nesta loja de luxo. — Não. Eu… não estou interessada.

O Tipo do Laço observa-me atentamente.

— Tens a certeza disso?

— Mais uma vez, o que é que isso te interessa?

Ele enfia a língua na bochecha e pisca-me o olho — e, *meu Deus*, acontece outra vez. Aquela sensação leve a revirar-se debaixo das costelas. Talvez tenha apanhado alguma doença. Já há imenso tempo que não namoro, mas lembro-me do meu tipo ideal. Este homem não faz o meu tipo. Tem *vincos* nas calças de fato. Está a usar um laço e um sorriso, e uma madeixa de cabelo está agora a enrolar-se no meio da testa. As pontas dos meus dedos não deviam, de maneira nenhuma, estar a esfregar-se uma na outra, a imaginar que tipo de textura teria aquela madeixa. Ou qual seria a reação dele se eu a enrolasse lentamente à volta do meu dedo.

Baixo rapidamente o olhar antes que o que quer que esteja a acontecer dentro de mim se reflita na minha cara.

— Pronto, acho que já acabámos por aqui. — Inquieta, coço a nuca, contorno-o e volto a juntar-me ao fluxo de pessoas no passeio.

Mesmo antes de estar completamente fora do alcance da sua voz, ele grita:

— Há um formulário no *site*. Não custa nada dares uma vista de olhos.

Só paro de andar quando entro no meu apartamento. Caminho até ao canto mais distante do quarto, tiro as botas com as pontas dos pés, depois dispo o casaco, enrolo-o e coloco-o em cima das botas. A seguir, os auriculares. Fora do caminho. Perfeito. Uma memória apanha-me de surpresa, de há cerca de um mês — os meus pais a observarem-me a cumprir este hábito do outro lado da sala de jantar, trocando um olhar nervoso entre eles. Como se não tivessem a certeza de quem é que tinham deixado entrar em casa.

Salto um pouco com as plantas dos pés doridas para clarear os pensamentos, dirigindo-me ao radiador para verificar se está a sair calor. Durante a longa caminhada até Chelsea, disse a mim mesma que o meu coração batia forte por causa do ritmo acelerado que me impus, mas ainda não cessou. O coração continua a bater de forma irregular enquanto me sento na borda da cama. Aos poucos, o meu olhar vagueia até ao portátil antigo que o meu tio deixou para trás. Abano a cabeça, recusando-me a considerar a ideia de preencher uma candidatura para

um emprego para o qual não estou qualificada. Ou mesmo que eu seja ligeiramente elegível para decorar montras; três anos de cursos *online* com foco em *merchandising* de moda serão completamente ofuscados por quatro anos na prisão.

A minha perna direita balança para cima e para baixo.

Porque é que estou com tanta comichão?

Aguento mais cinco minutos antes de me levantar de um salto, amaldiçoando a existência do Tipo do Laço, e começo a vasculhar as gavetas à procura do carregador do portátil. O que é que pode acontecer de pior? Enviar a candidatura e não responderem?

É isso mesmo que *vai* acontecer. Sou uma ex-presidiária.

Mas, por alguma razão maluca, envio-a na mesma.

Nunca terei resposta.

2

Aiden



Sento-me à minha secretária e bato as palmas.

— Vai ser um bom dia.

Do outro lado do escritório, os dedos do meu assistente param a meio de digitar sabe-se lá o quê a duzentos quilómetros por hora.

— E em que é que te baseias para essa teoria? — pergunta o Leland por cima dos óculos de armação de arame. — É segunda-feira e está *a nevar*.

— Ambas as coisas são sinais de um recomeço. É como se tivéssemos um caderno de espiral novinho em folha e, desta vez, fôssemos escrever com boa caligrafia do início ao fim. Não só na primeira página.

O Leland fica a olhar pela janela, do chão ao teto, para os flocos grandes e espessos que caem do céu na Quinta Avenida.

— Este ambiente altamente invernal faz-me lembrar de que ainda não fiz compras e de que faltam só doze dias para o Natal. Nunca vou conseguir a tempo.

— Consegues sempre a tempo — tranquilizo-o.

Ele pega numa esferográfica e usa a testa para a abrir com um clique. Fechar. Abrir.

— Aposto que já fizeste todas as tuas compras. Embrulhadas. Com cartões amorosos a acompanhá-las.

— Toda a gente sabe que só se embrulham presentes a partir do dia 23 de dezembro.

— Não sabia disso. — Curioso, ele para de clicar e arqueia uma sobrancelha ruiva com cautela. — Porque é que esperas?

Ao perceber que me esqueci de tirar o sobretudo, levanto-me e dirijo-me ao cabideiro junto à porta, pendurando-o no gancho de cima para que a bainha não arraste pelo chão. Cai neve da gola e derrete no tapete cinzento, deixando pequenas manchas molhadas.

— Digamos que compraste um cachecol verde para a tua tia. Compraste-o partindo do princípio de que ela ainda não tinha nenhum. Mas tens de deixar a ti próprio uma margem de manobra, para o caso de ela aparecer a usar um três dias antes do Natal. Ou, do nada, ela pode dizer: «Detesto cachecóis verdes. Espero que ninguém me compre um.»

— E quais são as probabilidades de isso acontecer? — balbucia o Leland.

Levanto as mãos.

— Se queres embrulhar presentes antes do dia 23 e arriscar com fita-cola, a decisão é tua. Mais vale rezares para que a minha teoria não *pegue*.

Lentamente, o meu assistente volta-se para o computador, murmurando para si mesmo:

— Foste tu que perguntaste. Sabes bem que não devias ter perguntado.

Eu dou uma risada baixinho e carrego numa tecla para acordar o meu computador. O Leland tem vinte e nove anos — três anos mais novo do que eu —, mas tem o temperamento de um idoso rabugento e o pessimismo do Igor, do Bosque dos Cem Acres. Essa é uma das razões pelas quais o contratei há cinco anos. Bolas, alguém tem de me equilibrar. Ele também traz um molho caseiro de pêssego e pimento picante incrível para as festas da empresa, e essa é uma qualidade que não pode ser subestimada.

Os alertas do meu calendário aparecem no ecrã, causando-me uma estranha sensação de aperto no peito.

A mesma sensação estranha que tive no peito na sexta-feira, durante aquela conversa improvisada à porta da loja. Que… bizarro. Esfregando o local com a articulação do dedo, escondo o alerta do calendário que diz ENTREVISTAS AO MEIO-DIA COM OS CANDIDATOS A DECORADOR DE MONTRAS e abro a pasta que partilho com o Leland. Há dezasseis candidaturas lá dentro. Será que alguma é dela?

— Antes que perguntes, todos os candidatos já foram pré-avaliados — diz o Leland sem tirar os olhos do computador. — Para poupar tempo, reduzi a lista aos que têm potencial. Excluí quem escreveu tudo em maiúsculas ou usou a palavra *prosperar* na carta de apresentação. Essa palavra é, *literalmente,* esgotante por si só. A minha escolha pessoal é a Vivian Blake, ex-decoradora de montras da Bergdorf. Foi ela que ficou responsável pelo *design* do desfile dos duendes de 2019. Icónico.

O Leland tem razão. Aquela montra foi de arrasar.

Os ajudantes do Pai Natal com *bustiers* e perucas? É o tipo de coisa que fica gravada na memória.

Tenho a certeza de que nunca terei pesadelos com uma delas a partir a montra e a perseguir-me pela avenida, a brandir um salto em forma de picador de gelo.

— Mais alguém se destacou?

Nem sei bem por que pergunto. Não há nada que o Leland possa dizer que me faça ter a certeza de que uma destas candidaturas é dela. Como um idiota, não lhe perguntei o nome. Não fiquei a saber absolutamente nada sobre ela, a não ser que é um pouco reservada e muito bonita. Também tem bom olho para *design* de montras, e é isso que conta. Foi por isso que a incentivei a candidatar-se.

Não porque queira voltar a vê-la.

Ignorando o nó na garganta, vou clicando nas candidaturas, certo de que, de alguma forma, vou saber qual é a dela. Vou simplesmente saber. Vai haver alguma caraterística distintiva. Experiência profissional anterior num café/salão de jogos alternativo ou estudos universitários no estrangeiro, num sítio como Bruges ou Berlim.

Nada feito. Todas as candidaturas são demasiado simples. Impressionantes, de uma forma a que estou habituado como diretor-geral da Vivant. Alguns destes candidatos até têm qualificações a mais. Mas nenhum deles é ela. Eu simplesmente… saberia.

Recosto-me na cadeira, chamando-me todo o tipo de coisas ridículas por estar a entrar em pânico. É apenas uma rapariga que conheci e com quem falei uma vez, e ela nem sequer gostou de mim. Perdi a conta das vezes que revirou os olhos por baixo daquela franja preta e espessa ou tentou findar a nossa conversa prematuramente.

Mas antes mesmo de parar para interagir com ela, vi aquele meio-sorriso refletido no vidro e não consegui deixar de tentar fazê-lo voltar ao seu rosto. Fazer os lábios dela curvarem-se para cima outra vez.

O meio-sorriso dela era lindo. Deixou-me completamente paralisado.

E, no fim de tudo, nem sequer lhe perguntei o nome.

Agora só me resta contar com a remota possibilidade de ela se ter candidatado para decorar as montras da Vivant. É uma aposta mais arriscada do que embrulhar presentes antes do dia 23 de dezembro. Pelo que sei, ela pode ter um emprego. Ou pode estar apenas de visita a Nova Iorque. Bebi uns *bourbons* a mais no fim de semana a imaginar todas as possibilidades. O que, mais uma vez, é ridículo. Só a vi uma vez.

No entanto, o rosto dela está nítido como o dia na minha cabeça.

Consigo recordá-lo com mais pormenor do que o meu quarto de infância no Tennessee.

Os grandes olhos azuis em forma de noz, contornados por maquilhagem preta. A inclinação suave das sobrancelhas, o sulco profundo que desce entre o nariz e o lábio superior. Aquela série de sardas ao longo da linha da mandíbula direita. As vibrações de *põe-te a andar* que emanavam dela em ondas.

E a certeza que me transmitiu de que… não queria mesmo que eu fosse embora. Que se sentia um pouco sozinha e melancólica e só precisava de alguém ao seu lado por um instante.

Já passei por isso. Reconheço esses sinais numa pessoa.

No entanto, esses sinais noutra pessoa normalmente não fazem o meu estômago trocar de lugar com os pulmões. Nem me levam a faltar a uma reunião só para tentar ajudar. Para tentar perceber o que se passa com ela.

— Quero dizer, houve alguns casos que se destacaram na categoria de péssimos. Tipo a primeira ronda do *American Idol*? — Ele faz uma pausa dramática. — Havia até uma rapariga com cadastro *criminal*.

Sinto um sobressalto a percorrer-me o corpo, endireitando-me de repente.

Cadastro?

Não.

Mas os pelos dos meus braços estão a eriçar-se e isso costuma ser um sinal de que o universo está prestes a enviar-me um desafio. Normalmente, fico entusiasmado quando essa eletricidade percorre a minha pele, como um *nerd* antes de um teste surpresa, mas se esta candidatura estiver relacionada com a Miúda da Montra o que é que vou fazer a esse respeito?

— Como é que ela se chama?

O Leland recua um pouco, com os dedos a continuarem a voar sobre o teclado sem fios.

— Hum, não me lembro. Porque perguntas?

Já estou a aproximar a minha cadeira da secretária, com a mão no rato. Não é o meu primeiro lampejo de otimismo de que talvez volte a vê-la — pensamentos positivos trazem coisas boas —, mas desta vez tenho uma pista concreta.

— O que fizeste com as candidaturas que não passaram na seleção?

O meu assistente não responde logo e, quando olho para ele, vejo uma leve careta no seu rosto.

— Hum, bem… estão numa subpasta chamada «Completos Falhados».

Solto um assobio baixo.

— Como é que alguém tão frio consegue fazer um molho tão picante é um mistério.

— É do pimento habanero e dos *pickles*…

— Não quero saber, meu, só quero comê-lo.

O Leland está a mexer-se na cadeira, como se ainda se sentisse culpado por ter dado um nome tão duro à pasta. Embora eu gostasse de aliviar essa culpa, dou por mim a ficar um pouco protetor em relação à rapariga de olhos azuis que nem sequer gosta de mim e cujas informações podem estar nesta pasta, por isso, infelizmente, o Leland vai ter de aguentar um bocadinho.

— Vou levar um pouco do meu molho para a festa de Natal na próxima semana — arrisca ele. — Um *Tupperware* gigante cheio dele.

— Espero bem que sim. É um requisito do teu emprego. — Lanço-lhe um sorriso rápido para mostrar que estou a brincar (quase), mas o meu

sorriso desaparece quando encontro a pasta e faço «clic». Porque vejo o nome Stella Schmidt e, de alguma forma, sei logo que é ela.

Ela é uma Stella.

Antes de continuar, decido algo muito importante. Não vou tirar o número de telemóvel dela deste formulário de candidatura nem vou usá-lo. Isso é mais assustador do que um aranhiço e já a obriguei a falar comigo mais tempo do que ela queria no exterior da loja.

Agora que me convenci de que esta situação vai continuar a respeitar a ética, tenho o Dilema Principal. Se a Stella Schmidt for, de facto, a candidata com o registo criminal, não posso contratá-la. Nem sequer posso chamá-la para uma entrevista. Ou posso?

Posso ser o diretor-geral da Vivant, mas respondo perante um conselho de administradores exigentes, um dos quais é o meu pai. Outra é a minha avó. E eles nem sequer estão de bom humor numa sexta-feira antes de um fim de semana de três dias.

Se não chamar a Stella para uma entrevista, nunca mais a vou ver.

Mas não posso chamá-la aqui *só* para a convidar para sair.

Isso transformar-me-ia de um aranhiço numa tarântula peluda.

— Parece em conflito, Sr. Cook.

O Leland nunca me chama de outra coisa que não seja Aiden.

— Podes deixar as formalidades de lado. Não te vou dar sermões sobre o nome do ficheiro.

— Oh, graças a Deus. — Ele solta uma gargalhada e relaxa, empurrando a cadeira para trás contra o arquivo com um estrondo. — Estava a ter *flashbacks* da minha entrevista de emprego, em que disseste que a única coisa que nunca tolerarias era a maldade. E eu realmente não devia ter dado esse nome ao ficheiro. Ninguém é um falhado. Toda a gente tem altos e baixos. É só isso. Estamos todos em fases diferentes das nossas vidas…

O Leland continua a divagar, mas os meus pensamentos abafam-no.

Toda a gente tem altos e baixos.

Isso é mesmo verdade.

Deus sabe que eu também tenho.

Quando assumi o cargo de diretor-geral da Vivant há cinco anos, prometi a mim mesmo que seria justo em tudo, custasse o que custasse.

Antes de eu chegar, as decisões baseavam-se exclusivamente nos resultados financeiros — e não sou idealista ao ponto de acreditar que as margens de lucro não são importantes nos negócios. Mas tem de haver um equilíbrio. *Tudo* é uma questão de equilíbrio. Por exemplo, o pessimismo do Leland equilibra o meu otimismo e mantém o nosso gabinete a funcionar algures no meio.

Se a Stella é aquela que tem cadastro criminal e eu *não* a entrevistar só por causa disso, não estou a dar ouvidos ao meu instinto, que me diz que ela merece uma oportunidade para o cargo. Estou a descartá-la por causa do conselho de administração e dos seus padrões preconcebidos.

Não os meus.

Por último, e talvez por egoísmo, quero voltar a vê-la… e só há uma maneira de o fazer como deve ser — que é dar-lhe uma oportunidade a sério para o emprego. Entrevistá-la com a mesma abertura de espírito com que entrevisto toda a gente. O facto de ela ter estado na prisão não devia impedir que tivesse uma oportunidade, se já cumpriu a pena, certo?

Noutra altura preocupo-me com o facto de não poder ter relações românticas com funcionários sem apresentar documentos aos recursos humanos.

Finalmente, permito-me descer a página.

Stella Schmidt. Pela data de nascimento, tem vinte e cinco anos. Caramba, é tão nova. Sou mais velho do que ela o equivalente a uma presidência e meia, mas tudo bem. Vamos em frente. Três anos de cursos *online* em *merchandising* de moda e *marketing* de produto. Muito bem. Isso já é alguma coisa, mesmo que não se tenha formado.

Paro quando chego à caixa que pergunta se ela já foi condenada por algum crime grave.

A resposta é sim.

Em «mais informações» diz simplesmente: Prisão de Bedford Hills, de 2017 a 2021.

Sem mais explicações. E quase consigo ver a expressão teimosa dela, com os lábios bem cerrados.

Passo os dedos pelo cabelo. Caramba, ela *acabou* de sair. O que raio é que terá feito para passar quatro anos atrás das grades? A miúda mal chegava ao meu ombro. Não que a altura tenha alguma coisa que ver

com cometer crimes. A menos que ela seja uma daquelas espiãs que tem de se esquivar com cuidado de uma série complicada de *lasers* verdes que protegem um diamante gigante. Ser de estatura pequena pode dar vantagem a alguém numa situação dessas.

Continuo a percorrer a página.

Ela nem sequer deixou uma única referência.

Ajuda-me, Stella.

Só com base na candidatura, é um grande exagero chamá-la para uma entrevista, mas se não o fizer, isso vai ficar a incomodar-me durante muito tempo. *Equilíbrio. Encontra o equilíbrio.*

Se a Stella tiver uma segunda oportunidade, todos os outros também têm.

— Muito bem, Leland, eis o que vamos fazer. Liga a *toda a gente* da pilha dos «falhados» e marca-lhes entrevistas também.

O queixo dele caiu quase até aos joelhos.

— O quê? Até os músicos?

— Até eles.

Só muito mais tarde é que começo a arrepender-me desta decisão.

Já passava das cinco. Toda a gente, incluindo o Leland, já tinha ido para casa. Estou na minha trigésima primeira entrevista e ainda não almocei, por isso o meu estômago a roncar está a abafar as respostas da mulher sentada à minha frente. A Kimberly. É uma das candidatas com qualificações a mais. Estudou na Universidade de Nova Iorque. A melhor da turma. Vestida de forma impecável, com uma pulseira de ouro a envolver o seu bíceps castanho-escuro. Ela responde a tudo corretamente, mas não sinto aquela emoção no estômago quando discutimos conceitos para a montra. Nem a sinto com o próximo candidato — o Jonathan, do Minnesota, que só está na cidade por duas semanas com a sua banda de *death metal* e pensou que talvez pudessem atuar numa das montras, tipo, «uma cena conceptual ou algo do género». Ou o Lonnie, um ex-concorrente do *Project Runway* que foi eliminado numa das primeiras rondas e insistiu para que eu visse o vídeo com os seus melhores momentos.

Nenhum deles me faz *visualizar* o que estão a descrever. Sobretudo o Jonathan do Minnesota.

E isso é um problema.

Porque o Lonnie é a minha última entrevista, além da Stella, e ela não aparece. A fila de cadeiras à porta do meu escritório está vazia, pela primeira vez desde que comecei as entrevistas ao meio-dia e começo a perder a esperança de que ela apareça.

Termino a entrevista com o Lonnie, dizendo-lhe que entraremos em contacto, seja qual for a decisão. Agora estou sentado, a tamborilar com os dedos na madeira maciça de pinho da minha secretária. Impaciente, volto a abrir a candidatura dela e procuro mensagens escondidas, sendo que obviamente não há nenhuma. Seria ético ligar-lhe e perguntar se ela vem, mas não é algo que eu fizesse por nenhum dos outros candidatos, por isso afasto a mão do telefone à força.

Com um suspiro alto o suficiente para acordar os mortos, afasto-me da secretária e levanto-me, demorando cerca de dez vezes mais do que o habitual a arrumar tudo na minha pasta de couro, só para o caso de ela se ter atrasado. Deixo cair o telemóvel e baixo-me para o apanhar — e é aí que vejo um clarão de algo na fresta entre a secretária e o chão.

Será que estou louco ou alguma coisa se mexeu no exterior do meu escritório?

Rapidamente, endireito-me por completo, mas vejo o corredor vazio.

— Stella? — chamo, grato por o Leland não estar aqui para fazer uma piada sobre *Um Eléctrico Chamado Desejo*, porque, em dúvida, ele é do tipo que faz isso.

Como não recebo resposta, contorno a secretária e saio para o piso principal vazio, mesmo a tempo de ouvir a porta da escadaria a abrir e a fechar. Quem é que desce as escadas do décimo andar quando há um elevador em perfeito funcionamento?

O universo dá-me mais uma daquelas sensações de «aí vem um desafio» que me deixam com pele de galinha e começo a correr na direção por onde a pessoa (ou possível fantasma) acabou de desaparecer. Abro a porta da escadaria com um puxão e fico à escuta de passos, ouvindo um ritmo acelerado lá em baixo.

— Stella — digo outra vez, com a minha voz a ecoar no betão.

Os passos param de repente. Passam-se vários segundos.

— Mudei de ideias — responde ela, finalmente. — Sobre fazer a entrevista.

Caramba. Tinha-me esquecido do quanto gosto da voz dela. Tem um tom doce e suave, e ela provavelmente detesta-o com todas as suas forças.

— Podes mudar de ideias — digo, a ponderar as minhas opções. Não quero que ela se vá embora. Mas também não posso simplesmente atirar-me a ela numa escadaria que parece saída de um filme do M. Night Shyamalan. — Uau. O meu escritório parece o Polo Norte. Está iluminado até não poder mais. Ninguém diria que estamos sentados mesmo em cima de um portal para o inferno.

Oiço uma inspiração que soa suspeitosamente a risada, mas não vou alimentar falsas esperanças.

Raios. Tarde demais. Já alimentei.

— Podias ter mencionado que eras o diretor-geral quando nos encontrámos lá fora — diz ela com um tom ligeiramente sarcástico.

— Se tivesse feito isso, terias sido mais diplomática e menos refrescantemente honesta.

— Que maneira simpática de dizer «crítica». — Ela solta um suspiro lento. — Não, eu teria sido exatamente a mesma.

— Tens razão. Terias sido — digo à rapariga que nem consigo ver. — Podemos ir para um sítio menos deprimente para conversar? Tenho um pedaço de chocolate com menta no meu escritório com o teu nome escrito.

Ela resmunga.

— Quase consigo *ouvir* o laço na tua voz.

— Hoje o tema é Mãe Natal. Aquela mulher não recebe o devido reconhecimento por manter tudo a funcionar. — Sei que é um risco, mas começo a descer as escadas, devagar, como um assassino em série. — Talvez pudéssemos trocar ideias sobre uma montra dedicada à cara-metade do Pai Natal. O que achas?

— Acho que não podes estar a falar a sério sobre entrevistar-me. *Contratar*-me. — Ouve-se um barulho de passos arrastados, como se fossem as botas pretas dela no patamar de betão. Caramba, ela veio de botas militares a uma entrevista de emprego. É impossível não sorrir com isso. — Olha. Isto é… algum tipo de situação de «teste do sofá»

para decoradores de montras? Se for, vou dar-te uma joelhada nas partes íntimas com toda a força que conseguir, mesmo que tenha de subir a um banco para o fazer.

— E eu mereceria essa viagem de ambulância. — Continuo a descer mais cinco degraus, observando a sombra dela a mover-se na escadaria abaixo de mim. — Não é nada disso.

— Então o que é? Não pareces do tipo de fazer uma piada tão elaborada a alguém, mas, por outro lado, já estou fora há algum tempo. — Passa um momento. — O que agora já sabes. Obviamente.

O tom nervoso na voz dela faz-me engolir em seco.

— Sim. — Contorno a base da escadaria e vejo-a, encostada à parede de blocos de betão do patamar, seis degraus abaixo de mim. E não há dúvida de que é ela a causa daquele aperto no peito que tenho sentido nos últimos dias. Sinto-me como um detetor de metais a apitar ao passar por cima de uma moeda de prata.

Aí está. O X marca o local.

Ela pode estar a usar as mesmas botas, mas a roupa é diferente. O vestido é justo, preto, de mangas compridas, feito de um tecido tipo malha. Meias-calças cinzentas grossas cobrem-lhe as pernas. Pernas para as quais eu definitivamente não devia estar a olhar numa escadaria escura, mas não consigo evitar. É um vestido curto e aquelas meias-calças moldam-se às coxas dela de uma forma que nem um padre conseguiria ignorar, quanto mais um homem que não faz sexo desde… bem, não vamos especificar uma data. Pelo menos, antes da pandemia. Não preciso de me lembrar de que já não tinha intimidade com ninguém bastante tempo *antes* disso. Ou que tinha dado um tempo nos encontros porque as mulheres pareciam achar a minha personalidade desconcertante.

Demasiado invulgar. Demasiado *simpático.*

E por falar em pessoas que acham que sou só um sorriso e um laço no colarinho — embora, desta vez, consiga sentir que ela está a questionar isso, a perguntar-se se estará errada —, há uma pasta na mão da Stella. Que ela rapidamente esconde atrás das costas.

OK, *então. Aqui vamos nós.*

Sento-me no degrau de cima, deixando-a no de baixo, e os ombros dela relaxam ligeiramente.

— Sabias que o meu avô chamou a esta loja de Vivant porque queria impressionar uma senhora francesa chamada Camille? Nem sequer resultou. E agora aqui estamos nós, cinquenta anos depois. Presos a isto.

— A tua família é dona desta loja — afirma lentamente, claramente sem fazer ideia. — Uau. Acho que foi um erro dar só uma vista de olhos à secção «Sobre nós» do *site*.

Eu aceno com a mão, retirando importância a isso.

— Ah, é basicamente um monte de disparates aborrecidos sobre tradição e qualidade.

Ela inclina a cabeça para a direita.

— Pareces-me um tipo que valorizaria a tradição.

— Oh, valorizo, sim. Só que… a minha família nem sempre a valorizou. Pelo menos não da forma como é retratada nas montras da loja. — Os meus dedos voam para o laço, ajeitando-a à pressa, enquanto a nuca fica tensa como lã molhada. Não era minha intenção dizer isso em voz alta. Era suposto estar a fazê-la sentir-se à vontade para esta entrevista, não a lamentar as dificuldades de ser um Cook. Especialmente quando é óbvio que esta rapariga passou por muitas mais dificuldades do que eu. — Só te estou a contar sobre a lendária rejeição da Camille e a escolha do nome Vivant como forma de dizer que… já aconteceram coisas mais loucas do que eu entrevistar alguém com ótimas ideias e experiência em *merchandising* de moda. Mesmo que estejamos a fazer esta entrevista na sala de estar de Lúcifer.

Ela olha para mim com atenção enquanto pondera isso na sua cabeça.

— A forma como estás a olhar para mim faz-me lembrar aqueles *lasers* que digitalizam impressões digitais num filme de espionagem. Sabes do que estou a falar? — Cenas do filme que vi ontem à noite passam-me pela cabeça e dou uma palmada na coxa. — Adoro um bom filme de espionagem. *Perigo Público* talvez seja o meu favorito. Já tem muito em jogo, intriga e espionagem. E depois ainda acrescentam o Will Smith e o Gene Hackman? Caramba, vou alugá-lo duas vezes.

A Stella olha à sua volta como se tivesse acabado de ser teletransportada para a Lua.

— Este deve ser o momento mais estranho da minha vida, e olha que nos últimos quatro anos tenho trocado pão de milho por pasta de dentes e outros produtos de higiene pessoal.

O meu coração salta-me para a boca ao ouvir isso.

Não gosto de pensar nela presa.

Mas ela provavelmente gosta ainda menos de pensar nisso, por isso forço-me a imaginar como deve ter sido o dia a dia dela, e não consigo deixar de franzir o sobrolho.

O silêncio vai passando lentamente.

Ela inclina a cabeça.

— Não me vais perguntar o que fiz para ser condenada?

Estou curioso? Se estou! Como potencial empregador, devia perguntar. Talvez por egoísmo, mas não quero ser previsível para ela. E não quero obrigá-la a contar-me algo desconfortável quando já estamos em terreno delicado.

— Não, não vou perguntar. Vou só cruzar os dedos e esperar que não tenhas sido uma ladra de laços. A minha coleção vale quarenta, talvez até cinquenta dólares, segundo alguns.

Uma risada começa a surgir-lhe na garganta, mas ela contém-na e procura visivelmente algo para dizer.

— *OK*, não perguntes. Mas deves saber… eu mereci estar lá pelo que fiz. Muito mais do que alguns dos outros reclusos. O meu crime foi grave. Alguns reclusos receberam penas mais severas por terem feito muito menos. Roubar para alimentar as suas famílias. Ou serem apanhados com erva… e ainda estão lá dentro, enquanto eu já estou de volta aqui fora. A mim foi-me dada mais consideração graças a privilégios, quando provavelmente merecia mais a minha pena. — Ela tira a pasta de trás das costas, torcendo-a nas mãos. — E agora vais ignorar o meu cadastro? É só mais uma consideração especial que não mereço. Não sei se consigo… Acho que não devia deixar-te fazer isto.

— Estás a precipitar-te. Ainda nem sequer fizemos a entrevista. — É difícil para mim dizer estas palavras, porque pareço um idiota de primeira, mas ela está prestes a ir-se embora. Consigo senti-lo. Precisa que eu seja mais duro com ela do que gostaria de ser neste momento, porque a minha gentileza está a fazê-la sentir-se culpada. Não vou

comentar o que isso diz sobre o caráter dela, por mais que me apeteça. Por isso, em vez disso, estendo a mão para pegar na pasta. — Porque não começas por me mostrar o que trouxeste?

O seu instinto de *luta ou fuga* está a mil.

Ela mexe-se nas botas, como uma corredora à espera do tiro de partida.

O meu coração está disparado, mas tento não deixar transparecer. Tento não mostrar quanto quero ficar nesta escadaria com ela e continuar a conversar.

Por fim, ela revira os olhos, sobe alguns degraus com um bater de pés e entrega-me a pasta, antes de voltar a descer com passos pesados e retomar a sua postura defensiva. Mas, desta vez, há uma centelha de determinação e esperança a iluminar a sua expressão, graças a Deus.

Solto o ar que tinha retido, abro a pasta e encontro uma impressão do currículo dela, que contém exatamente a mesma informação que o formulário de candidatura *online*. Por baixo, há uma série de esboços. São bons o suficiente para me fazer endireitar — e a minha coluna já é, por defeito, tão vertical como um poste.

— Fala-me deste aqui.

Mostro o esboço de uma montra com um vestido vermelho no centro, rodeado de vegetação. Trepadeiras com grandes toques de branco. Borboletas recortadas penduradas no teto. Na parte inferior da montra estão as palavras: «Dá-lhes um novo começo.»

A Stella tem os olhos fechados, mas respira fundo e começa a falar.

— Dar e receber. Foi esse o tema que escolhi. O próximo ano vai ser todo sobre renovação, um novo começo depois de dois anos de confinamentos e máscaras. Estamos a olhar para além da melancolia do Natal e do tempo frio. A mensagem é esta: ajuda quem amas a reencontrar o equilíbrio. — Ela acena com a cabeça para o desenho que estou a segurar. — Muitas pessoas não comprariam para si próprias um vestido vermelho-vivo como esse, mas se outra pessoa o fizesse, seria uma lufada de ar fresco. De repente, ficam a pensar: «Será que sou o tipo de pessoa que usa um vestido vermelho?». A resposta é que todos nós *somos,* só precisamos de ajuda para acreditar nisso. O voto de confiança de um ente querido faz toda a diferença. Pode levar-te a descobrir mais sobre ti próprio.

» Quanto ao "receber" da expressão "dar e receber", estudos mostram que os consumidores, especialmente as mulheres, fazem muitas compras para *si próprias* enquanto compram presentes de Natal. Acabaram de receber o subsídio de natal. Ou estão a usar o *stress* das festividades como desculpa para gastar à grande. Então, porque não aproveitar esta oportunidade para as atrair para a loja e fazer com que queiram voltar no ano novo?

Ela aponta-me o dedo e, por alguns segundos, fico confuso, porque fiquei completamente absorvido pela voz dela e pela forma como ela se tornou… animada. Mal consigo desviar o olhar o tempo suficiente para segurar o próximo esboço, que é uma variedade de sapatos em tons de arco-íris dispostos numa forma geométrica, atraindo o olhar da parte da frente da montra para a parte de trás.

Convidativo. Chamativo.

— É aí que entra a narrativa. *Começa* de novo. Compra os sapatos. Usa a *lingerie* para ti própria. — Ela faz uma pausa para humedecer os lábios. — A Vivant sempre foi de luxo. A minha opinião é… ou aproveitas essa imagem ou não. A tua montra atual é acessível e tudo bem, mas não condiz com o que há na loja. As pessoas entram à espera de preços da Macy's e deparam-se com lenços da Hermès a 500 dólares. É tão importante construir a marca como vender produtos, por isso o primeiro passo é ter uma visão clara antes de começarmos a agir. — Ela abana ligeiramente a cabeça. — Não quero dizer «nós», como se fosse um dado adquirido.

Gosto que ela diga «nós». Gosto muito.

Talvez até demais.

O meu instinto foi dar-lhe o emprego assim que ela começou a falar. Não só concordo com tudo o que diz, como os seus *designs* são bem definidos e vibrantes, mas também *quero* acreditar nela. É por isso que tenho de me controlar. Sou otimista até ao exagero. Fui ensinado a procurar o melhor nas pessoas e — recusando-me a ter em conta a minha atração por ela — vejo muito de bom na pessoa que está ao fundo das escadas, a suster a respiração à espera da minha resposta. Ela quer o cargo mais do que qualquer outra pessoa que entrevistei lá em cima. Precisa de provar o seu valor… a si própria, não é? E eu quero ajudá-la

a fazer isso. Se este fosse um mundo perfeito criado por mim, diria: «O emprego é teu!» e passaríamos para uma montagem musical dela a trabalhar diligentemente, com o cabelo preso com um lápis, enquanto tentamos não trocar olhares na sala de descanso. Mas este não é um mundo perfeito. Ela precisa de uma oportunidade, mas também tem *relutância* em recebê-la. Tenho de fazer isto de uma certa maneira.

— Que tal um período experimental? — Aclaro a garganta, tentando fazer com que a minha voz soe mais oficial. — Normalmente, os nossos *designs* das montras de Natal ficariam expostos durante todo o mês de dezembro e até janeiro, mas a nossa direção também não ficou satisfeita com o *design* dos pinguins. Na verdade, até se falou em algo do tipo *nauseante*. Querem algo novo para a semana antes do Natal, quando a maior parte das compras já está feita. Basicamente, estamos a reinventar a roda num prazo muito apertado. Posso dar-te quatro dias para terminares uma montra — e depois vemos como corre. Podes começar amanhã e tens até sexta-feira.

Durante longos momentos, só se ouve o som da respiração dela.

O rápido subir e descer do seu peito.

Ela empurra o cabelo para trás da orelha num movimento apressado, baixando os olhos para o chão. Mas não antes de eu perceber o brilho das lágrimas e de o meu coração dar um salto. É preciso força de super-herói para ficar sentado no degrau quando me apetece descer os seis degraus de uma só vez e envolvê-la num abraço, por mais inapropriado que isso fosse.

— Stella…

— Obrigada. — Ela sobe rapidamente as escadas e aperta-me a mão. — Eu… podes ficar com isso. — Já está a descer as escadas a correr. — Até amanhã, Sr. Cook.

— É Aiden — digo-lhe.

Há uma breve hesitação antes de a porta bater com força no átrio.

Finalmente, permito-me inspirar profundamente o ar que não tinha conseguido respirar enquanto a Stella estava presente, o que me deixou os pulmões apertados. Ajeito o laço e subo as escadas a assobiar, ansioso pelo amanhã como não estava há já muito tempo.